



Sustentabilidade Econômica em Empresas de Agronegócio da Região Integrada de Desenvolvimento Econômico Polo Petrolina/PE e Juazeiro/BA

Economic Sustainability in Agrobusiness Companies of the Integrated Region of Economic Development Polo Petrolina/PE and Juazeiro/BA

Antônio Cavalcante TRINDADE
Mestre em Inovação e
Desenvolvimento pela UNIFG
actrindade@gmail.com

Waléria Guerreiro LIMA
Doutorado em Fitopatologia pela
UFRPE
walquelima@gmail.com.UFPE

Resumo

A importância de se identificar formas de mensuração da sustentabilidade organizacional é essencial para a sobrevivência das empresas. Este artigo tem por objetivo identificar o nível de sustentabilidade econômica existente nas empresas do nicho do agronegócio da RIDE através de um modelo de avaliação da sustentabilidade das práticas de processos das competências organizacionais com critérios de eco eficiência e com os preceitos de uma economia equilibrada. A coleta dos dados foi através de um questionário estruturado validado pelo Alfa de Cronbach, cujo construto são as competências organizacionais (Competência Central, chave e de suporte), em quarenta e quatro empresas e buscando extrair o índice de sustentabilidade econômico dessas empresas. Foi observado que 36% das empresas são sustentáveis de nível 5, com sustentabilidade organizacional sinérgica e que só 11% das empresas atingiram o nível mais alto da sustentabilidade, ou seja, o nível 6 – sustentabilidade holística. Portanto, apesar das dificuldades ligadas ao segmento do agronegócio e intrínsecas da região do semiárido do nordestino, observa-se que agires das empresas têm gerado uma sustentabilidade consciente, demonstrando reflexos positivos da gestão das empresas.

Palavras-chave: Sustentabilidade Econômica, Competências Organizacionais, Desenvolvimento Sustentável, Vale do São Francisco.

Abstract

The importance of identifying the forms of sustainability is essential for companies. The objective of this article is to identify the level of human resources in RIDE 's agribusiness companies through an evaluation model of the practices of organizational leadership processes with eco - efficiency criteria and the precepts of a balanced economy. The organization of the databases was through a structured questionnaire validated by Cronbach's Alpha, which is based on organizational (Central Competence, key and support), companies in quarters and companies that seek to obtain more up-to-date information about the companies. It was that companies were sustainable at level 5, with organizational and national sustainability and, therefore, companies reached the highest level of sustainability, ie, level 6 - holistic sustainability. Thus, although the attempts are identical to the agribusiness and intrinsic segment of the northeastern semi-arid region, it can be observed that the aggravation is one of the conscious companies, demonstrating positive results of the company.

Key words: Economic Sustainability, Organizational Skills, Sustainable Development, San Francisco Valley.

Recebido: 23/05/2018 - **Sistema de Avaliação:** blind review - **Editor:** Nelson Fernandes, Dr.

1 INTRODUÇÃO

O agronegócio consolida-se como um dos setores de maior importância na economia brasileira por meio da movimentação de recursos, criação de empregos e geração de divisas (Silva, Lima, & Batista, 2011). A abertura crescente do mercado internacional para os produtos brasileiros expôs o setor às demandas e às pressões sociais e ambientais, dentre outros fatores. À medida que este setor aumentou sua produtividade, passou a enfrentar o novo desafio: a sustentabilidade (Heller & Costa, 2013).

Atualmente, a adoção de práticas de gestão orientadas para a sustentabilidade é percebida como importante para os negócios de qualquer segmento. Estas práticas são influenciadas, principalmente, pelo desafio de aumentar a produtividade com menos recursos para atender a demanda crescente de consumidores (Santos, 2010).

Do ponto de vista empresarial, a análise da sua sustentabilidade é vital para o desenvolvimento e sobrevivência das empresas, visando sua longevidade com sucesso. Segundo Heller & Costa (2013), essa perspectiva consiste em assegurar o sucesso do negócio a longo prazo e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento econômico e social da comunidade, bem como para a melhoria das condições do meio ambiente, com a consequência de se alcançar uma sociedade estável.

A sustentabilidade empresarial pode ser mensurada e avaliada sob diferentes métodos e aspectos (ambiental, social e econômico), também conhecidos como Triple Bottom Line (TBL) (Labuschagne et al., 2005; Savitz, 2006). Nessa perspectiva, as organizações vêm buscando cada vez mais a excelência e são levadas a desenvolver formas de reduzir os impactos sociais e ambientais e aumentar a efetividade econômica (Martens & Carvalho, 2016).

Mesmo o agronegócio sendo evidenciado, como um dos mais proeminentes segmentos do mercado mundial, no Brasil, segundo Martens et al. (2015), ainda apresenta um sistema de gestão que carece de atenção. A falta de uma gestão mais eficiente torna o Brasil menos competitivo no cenário internacional. Este fato é ainda mais evidenciado quando se trata de uma análise restrita sobre o Nordeste brasileiro comparado às demais regiões, sendo imprescindível desenvolver e implementar ferramentas inovadoras de gestão para que o setor se fortaleça e cada vez mais possa expandir seus processos, produtos e serviços.

Diante dessa realidade, fica muito difícil promover o acesso necessário que leve ao conhecimento de conceitos diversos para avaliar e implementar a sustentabilidade na agricultura e consolidar os princípios complexos e diversos do paradigma teórico e transformá-los em recomendações para a prática agrícola. Apenas conceitos orientados a objetivos mostram alta adaptação a diferentes condições e grupos-alvo quanto ao acesso do conhecimento. Logo, a estratégia

de uma gestão sustentável deve ser entendida em diferentes setores afim de avaliar sua adequação para a operacionalização bem-sucedida da sustentabilidade.

Numa tentativa de responder adequadamente ao fenômeno da sustentabilidade, Acseirad (1999, p. 81) esclarece que prevalecem as expressões interrogativas, nas quais a sustentabilidade é vista como algo em evolução. Nesse critério, a sustentabilidade não apresenta definição acabada, sendo fundamental compreender seu papel no estabelecimento torná-la mais operacional e mensurável, mediante a criação de indicadores que permitem captar as características do setor do agronegócio.

Dessa maneira, os aspectos conceituais da sustentabilidade e a problemática urbana representam o ponto de partida para a identificação e para a criação de indicadores de sustentabilidade, cujos sistemas constituem instrumentos que permitem avaliar os processos de desenvolvimento e sustentabilidade do meio rural. Para atender a propósitos distintos, alguns sistemas de sustentabilidade já foram construídos, com destaque para modelo Input-State-Output (ISO) (Costa & Agostinho, 2018). Entretanto, os modelos usados não possuem fácil entendimento e aplicabilidade, além de serem complexos para se replicarem.

Para avaliar as dimensões da sustentabilidade, em especial da sustentabilidade econômica, é preciso entender aplica um modelo que envolva resoluções de dados baseados em culturas locais e regionais intrínsecas às características da região na qual as empresas estão situadas. É preciso entender as demandas locais e, sobretudo, construir índices que sejam reproduzíveis localmente independente do porte da empresa.

A Região Integrada de Desenvolvimento Econômico Petrolina/Juazeiro (RIDE) foi criada em 2001 para sediar o maior e mais dinâmico polo de fruticultura irrigada do Brasil de base exportadora e cuja produção, em grande parte, é voltada para os mercados dos Estados Unidos, Europa e Japão (Landim & Alencar, 2012). O objetivo da criação dessa rede foi de articular e harmonizar as ações administrativas da União, dos Estados e dos Municípios para a promoção de projetos que visem à dinamização econômica de territórios de baixo desenvolvimento e promoção de iniciativas e investimentos que reduzam as desigualdades sociais e estejam de acordo com o interesse local (BRASIL, 2013).

Nenhum tipo de estudo foi efetuado, desde então, para avaliar a dinâmica organizacional no que tange à sustentabilidade das empresas que compõem o setor do agronegócio na região, e nesse sentido, torna-se essencial a busca por processos inovadores de análise e mensuração de uma metodologia capaz de avaliar os conceitos de sustentabilidade, visando determinar seus níveis em uma organização e, conseqüentemente, sua longevidade, principalmente em uma área de grande importância econômica como a RIDE Petrolina/Juazeiro torna-se essencial.

Assim, este trabalho teve por objetivo identificar o nível de sustentabilidade econômica existente nas empresas do nicho do agronegócio da RIDE através de um modelo de avaliação da sustentabilidade das práticas de processos das competências organizacionais com critérios de eco eficiência e com os preceitos de uma economia equilibrada. Diante de várias metodologias existentes na identificação sobre o nível de sustentabilidade da empresa, a escolha do método proposto foi embasada no intuito de analisar a sustentabilidade organizacional sob o aspecto econômico, observando a existência das práticas comportamentais internas, ou seja, com a verificação dos agires necessário para que essa sustentabilidade esteja acontecendo mesmo que não utilize essa denominação.

2 SUSTENTABILIDADE ORGANIZACIONAL

Do ponto de vista organizacional, a sobrevivência das organizações está diretamente relacionada à sustentabilidade em todas as dimensões, pois além de estimular e acompanhar o seu desenvolvimento, aumentando assim sua credibilidade e transparência, orienta a empresa ao crescimento permanente através de uma boa gestão em todas as áreas, seja social, ambiental e econômica.

Conforme Barbieri e Cajazeira (2009), uma organização sustentável é aquela que procura incorporar os conceitos e objetivos relacionados com o desenvolvimento sustentável em suas políticas e práticas de modo consistente. Já para Braga (2011), o conceito de sustentabilidade está diretamente ligada à vantagem competitiva, eficiência operacional, aumento da base de clientes, lealdade de funcionários e geração de valor. Segundo ele, a sustentabilidade também deixa de ser atribuição de um departamento para tornar-se uma premissa em todos os processos das empresas que querem ter sucesso, cujos líderes sabem que o que está em jogo é a sobrevivência.

A sustentabilidade organizacional tornou-se uma busca incessante no século XXI, por agregar promessas de evolução social em um mundo mais justo e mais rico, dentro do qual o meio ambiente e as conquistas culturais deveriam ser preservadas para as gerações futuras. A busca por um crescimento econômico e uma equidade social, agrupando preocupações como o de preservar os sistemas naturais e crescimento. Um resultado considerável de toda esta discussão está na adoção do termo “desenvolvimento sustentável” nos discursos organizacionais (Dyllick; Hockerts, 2002).

As organizações tentam identificar maneiras pelas quais elas podem desenvolver novas metodologias de gestão que permitam aprimorar as práticas relacionadas aos pilares da sustentabilidade e, conseqüentemente, contribuir de maneira mais coerente com o desenvolvimento sustentável.

Até os a década de 70, uma empresa poderia ser considerada sustentável se fosse economicamente viável, com um bom patrimônio e lucros crescentes, ou seja, com condições de longevidade. Esse desenvolvimento teria uma consequência que poderiam ser a criação de empregos ou outros serviços sociais para a população em geral, contudo foi observado posteriormente que existem outros fatores necessário e imprescindíveis para a sua sobrevivência, como ser social e ambientalmente responsável.

3 O TRIPÉ DA SUSTENTABILIDADE (TRIPLE BOTTOM LINE)

O termo bottom line é uma metáfora advinda do vocabulário empresarial, que significa representar o lucro líquido de várias transações inicialmente separadas, somando-se os benefícios e os custo sem uma métrica comum (Brown, Dilliard, & Marshall, 2006). Já o Triple Bottom Line (TBL) carrega o significado de que as organizações devem levar em consideração aspectos não somente econômicos, mas também sociais e ambientais, que se relacionem com suas respectivas atividades (Elkington, 2004).

Segundo Almeida (2002), TBL é o termo utilizado para refletir todo um conjunto de valores, objetivos e processos que uma organização deveria focar para criar valores econômico, social e ambiental e, através desse conjunto, minimizar qualquer dano resultante de sua atuação. O conceito do tripé da sustentabilidade tornou-se uma ferramenta conceitual útil para interpretar as interações extra-empresariais e especialmente para ilustrar a importância de uma visão da sustentabilidade mais ampla, além de uma mera sustentabilidade econômica.

Assim, empresas devem considerar que escolhas feitas em uma determinada dimensão podem influenciar a outra. Em termos estratégicos, o modelo propõe a convergência da dimensão econômica, social e ambiental no planejamento estratégico das empresas. A transição para o TBL é complexa, pois envolve mudanças na estrutura operacional e comercial das empresas, promovendo alterações no mercado de negócios local e global (Elkington, 1999)

Apesar de ser bastante utilizado, existem também muitas críticas ao TBL. Para alguns autores, o conceito é muito amplo e não indica uma direção a ser seguida. Além disso, devido à falta de mecanismos regulatórios, as organizações que queiram se legitimar, podem escolher os aspectos que melhor lhe convém, podendo comprometer sua eficácia. (Brown, Dilliard, & Marshall, 2006).

Hoje, a abordagem do TBL dá outras configurações para a organização sustentável, pois deverá se ater não somente ao lucro, mas também e ao desenvolvimento social e à preservação do meio ambiente, principalmente com o advento da globalização. As organizações consideradas sustentáveis ganham uma grande relevância, uma vez que o mundo dos negócios cresce de maneira exponencial com um grau de exigências cada vez maior. E como condição de sobrevivência, uma

análise mais aberta da gestão à essa dimensão deve ter um envolvimento ativamente no debate sobre sua sustentabilidade, identificando maneiras pelas quais elas possam desenvolver novas metodologias de gestão que reflita no aprimoramento de práticas relacionadas a cada uma das suas dimensões, e, conseqüentemente, contribuir com o desenvolvimento sustentável da organização.

4 DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE

Aspectos microeconômicos são analisados pela dimensão econômica da sustentabilidade e estão associados aos resultados econômico-financeiros alcançados pelas empresas. De acordo com Oliveira (2002), a sustentabilidade econômica comporta a diversificação das atividades produtivas, desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado, segurança alimentar, contínua atualização dos instrumentos de produção e acesso à ciência e à tecnologia.

A avaliação dessa dimensão é feita através da saúde financeira da empresa, sendo mensurada a partir da situação creditícia tranquila, fluxo de caixa e equilíbrio financeiro refletido em lucratividade e investimentos, assim como sua capacidade de controlar o posicionamento financeiro da empresa.

Ao analisar a empresa em aspectos da dimensão econômica da sustentabilidade, Krajnc e Glavic (2005) afirmam que esta deve preocupar-se com os impactos causados ao bem-estar econômico de seus stakeholders e no sistema econômico nos níveis local, nacional e global. A dimensão econômica inclui não só a economia formal, mas também as atividades informais que provêm serviços para os indivíduos e grupos e aumentam, assim, a renda monetária e o padrão de vida dos indivíduos (Claro & Claro, 2004).

A dimensão econômica empresarial é classificada por Steurer et al. (2005), através dos seguintes aspectos: desempenho financeiro empresarial, competitividade empresarial e impacto econômico gerado pela empresa a seus stakeholders. Fatores analisados devem estar associados aos rendimentos financeiros das empresas, como fluxo de caixa, valor das ações, lucros, lucratividade, índice de endividamento e liquidez. Outro aspecto, deve estar ligado à previsão financeira de longo prazo, ou seja, planejamento estratégico para proteger, manter ou melhorar a sua competitividade. Uma empresa será sustentável quando estiver em situação adimplente com os impostos, remunerar justamente preços de fornecedores e salários de funcionários, estiver com uma situação creditícia bem avaliada e distribuir lucros e dividendos aos acionistas.

Portanto, a dimensão econômica da sustentabilidade é um pilar muito importante, em que é refletida todas as ações tomadas pela empresa, determinando o sucesso e o fracasso empresarial, no aspecto final, contudo pode ser também o início das ações através de um planejamento visando estratégias para sua longevidade. Considerando esta abordagem, é possível verificar se existe

sustentabilidade organizacional no aspecto econômico sob o olhar das competências organizacionais nas empresas do setor de agronegócio?

5 COMPETÊNCIAS ORGANIZACIONAIS

A noção de competências é considerada por muitos a solução para a gestão de pessoas, no que tange aos processos de trabalho, entretanto, este termo tem gerado diferentes pontos de discussões que devem ser considerados no processo de sustentabilidade organizacional (Dutra, 2008).

A análise de competência sob o ponto de vista organizacional, iniciou-se sob a ótica do indivíduo quando McClelland (2013) publicou o artigo “Testing for competence rather than intelligence”. A competência, segundo o autor, é uma característica subjacente a uma pessoa que pode ser relacionada com desempenho superior na realização de uma tarefa ou em determinada situação.

O conceito de competência organizacional tem suas raízes na abordagem da organização como um portfólio de recursos – resource based view of the firm. Essa abordagem considera que toda empresa tem um portfólio: físico (infraestrutura), financeiro, intangível (marca, imagem, etc.), organizacional (sistemas administrativos, cultura organizacional) e recursos humanos. Para os defensores dessa abordagem, é esse portfólio que cria vantagens competitivas (Krogh & Roos, 1995).

Ruas et al. (2005) reforçaram que a noção de competência se aproxima mais da capacidade de combinar e mobilizar recursos do que de um estoque de conhecimentos e habilidades, perspectiva essa, mais próxima da noção de qualificação.

Em relação às competências, estão envolvidos diferentes atores. De um lado a organização, com o conjunto de competências específicas. Essas competências decorrem da gênese e do processo de desenvolvimento da organização e são concretizados em seu patrimônio de conhecimentos, que estabelece as vantagens competitivas da organização no contexto em que se insere (Fleury, 2000). Já de outro lado, têm-se pessoas com seu conjunto de competências, aproveitados ou não pela organização.

Conforme Souza (2010), existe um alinhamento entre os conceitos de competências e desenvolvimento sustentável e afirma que enquanto a competência oferece a capacidade de gerir a sustentabilidade organizacional e o desenvolvimento sustentável, esse alinhamento faz a ponte entre os conhecimentos organizacionais sobre competências às preocupações econômicas, sociais e ambientais nas organizações.

O conceito de competência organizacional tem suas raízes na abordagem da organização como portfólio de recursos (resource based view of the firm). Essa abordagem considera que toda a empresa

tem um portfólio: físico (infraestrutura), financeiro, intangível (marca, imagem, etc.), organizacional (sistemas administrativos, cultura organizacional e recursos humanos) (Fleury & Fleury, 2008). Para os autores, a competência organizacional serve como elo entre a competência individual e o desempenho da empresa.

Para Fleury e Fleury (2008), a competência é uma característica própria de uma pessoa associada ao desempenho acima do esperado, seja na realização de sua função ou em algum fato inesperado. É diferente de aptidão, que é um talento natural da pessoa, podendo-se desenvolvê-lo através de habilidades, que consiste na apresentação prática de uma capacidade natural desta pessoa complementada pelo conhecimento que a pessoa precisa para realizar uma atividade. Os autores ainda descrevem que competência é saber agir de maneira responsável, e implica em mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo. Associa-se a verbos como: saber agir, engajar, assumir responsabilidades, etc. A relação entre o indivíduo e a organização da qual ele faz parte neste contexto, relevando as posturas pertinentes para a geração de valor agregado a ambos.

Conforme as contribuições de Mills et al. (2002) e Maggi (2003), simplificadamente existem as competências empresarias, que são: Competência Central, que representa um agir organizacional corporativo essencial para a sobrevivência da empresa e fundamental para a sua estratégia; Competência Chave, com um pequeno número de agires essenciais esperados de serem encontrados e desenvolvidos em cada unidade de negócios de uma organização; e a Competência de Suporte, onde observa-se um agir organizacional validado capaz de suportar outros agires fundamentais à arquitetura de competências.

Contudo, como é possível afirmar que uma empresa é sustentável, ou seja, como se pode crer que uma empresa tem uma longevidade garantida para as próximas gerações? A mensuração dessa sustentabilidade pode ser feita de várias maneiras. Para esse trabalho, se buscou as bases da teoria do Agir Organizacional desenvolvida por Maggi (2006), onde o agir social indica uma atitude na qual o sentido intencionado de um ou mais sujeitos dirige-se a um agir de outros sujeitos, ou seja, compreende um processo dentro da empresa com vários sub processos que indicam, verdadeiramente, o caminhar da organização e sua influência nas estratégias para que uma empresa se torne sustentável. Esta forma de agir é refletida pelas competências organizacionais, sendo capaz de munir a empresa em ter capacidade de mobilizar, integrar e colocar em ação conhecimentos, habilidades e formas de atuar de maneira a superar os desafios com o intuito de atingir seus objetivos.

Segundo o que preconiza Fleury & Fleury (2008), competência é uma palavra do senso comum, utilizada para designar uma pessoa qualificada para realizar algo e o seu oposto, não apenas implica a negação desta capacidade, mas guarda um sentimento pejorativo, depreciativo. Este sentido

chega mesmo a sinalizar que a pessoa seja marginalizada dos circuitos de trabalho e de reconhecimento social.

A competitividade de uma organização seria determinada pela inter-relação dinâmica entre as competências organizacionais e a estratégia competitiva, ou seja, as competências são formadas a partir de recursos e as estratégias são elaboradas a partir dos grupos de recursos (competências essenciais). Desta forma, a implantação da estratégia gera novas configurações de recursos e novas competências que iriam influenciar novamente a formulação da estratégia.

Procurando sistematizar os conceitos, Mills (2002) propõe três níveis de competências organizacionais: Competência Central, que representa um agir organizacional corporativo essencial para a sobrevivência da empresa e é fundamental para a sua estratégia; Competência Chave, representada por um pequeno número de agires essenciais, esperados de serem encontrados e desenvolvidos em cada unidade de negócios de uma organização; e Competência de Suporte, abordada por um agir organizacional validado capaz de suportar outros agires fundamentais à arquitetura de competências e essas competências são os meios para a sustentabilidade organizacional e seu desenvolvimento. Este raciocínio é expresso por meio da Figura 01.

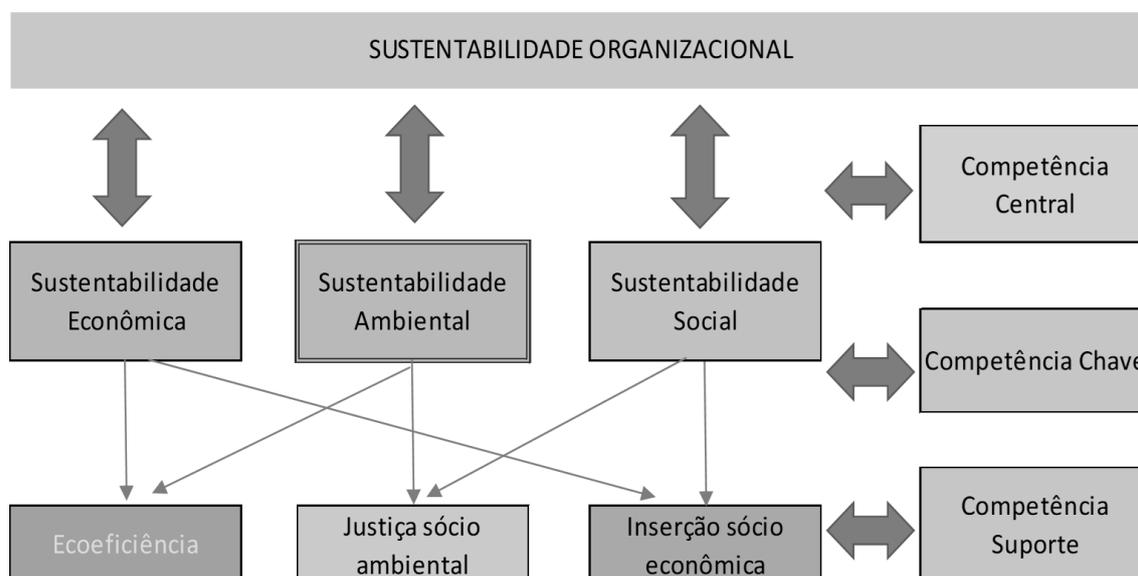


Figura 01. Esquema representativo da Sustentabilidade Organizacional. Fonte: Inspirado por Munck, Munck, & Souza (2011)

Assim, para alcançar a sustentabilidade organizacional, a empresa tem de desenvolver suas competências de suporte, com uma ecoeficiência (relação entre sustentabilidade econômica e ambiental), justiça socioambiental (relação entre sustentabilidade ambiental e social) e inserção socioeconômica (relação entre sustentabilidade econômica e social). Para autores como Millis et al. (2002) e Javidan (1998), os recursos articulados entre si formam as competências organizacionais. Recursos e competências, entretanto, diferenciam-se quanto ao seu impacto, abrangência e natureza.

6 METODOLOGIA

6.1 Dados gerais da pesquisa

Esta pesquisa utilizou uma abordagem hipotético-dedutivo que combina observação e a intuição científica objetivando alcançar um conjunto de postulados que regem os fenômenos de interesse para que, a partir daí, seja possível deduzir as consequências observáveis para que se refute, altere ou substitua os postulados, quando necessário e com uma proposta positivista, que usa parte de verdades universais para obter conclusões particulares, ou seja, parte de teorias e de leis gerais para a determinação ou previsão de fenômenos particulares.

Trata-se de estudo realizado em caráter descritivo, pois registra os fatos observados sem interferir neles, descrevendo as características de uma determinada população ou fenômeno, estabelecendo relação entre as variáveis, utilizando-se de técnicas padronizadas de coleta de dados.

6.2 Amostragem

No período de novembro de 2016 a março de 2017, foi realizada uma pesquisa de campo aleatória com empresas localizadas na Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do Polo Petrolina e Juazeiro (RIDE), localizada no Vale do São Francisco (Figura 02). As instituições amostradas enquadravam-se no segmento do agronegócio. Das 457 empresas pertencentes a este setor, foram amostradas 44 empresas a partir do cálculo amostral com intervalo de confiança de 90%, erro amostral de 10% e distribuição da população mais homogênea (80/20), utilizando a seguinte fórmula:

$$n = \frac{N \cdot z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + E^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

n é o tamanho da amostra;

N é o tamanho da população finita;

Z é o nível de confiança;

p é a verdadeira probabilidade do evento;

E é o erro amostral.

6.3 Validação do questionário

As entrevistas foram feitas aos gestores das empresas, através de aplicação de um questionário estruturado com noventa perguntas a respeito das três competências organizacionais da

área econômica questões pré-elaboradas. Visando obter a confiabilidade do questionário foi verificado o coeficiente alfa de Cronbach (Gliem & Gliem, 2003). O alfa mede a correlação entre respostas em um questionário através da análise do perfil das respostas dadas pelos respondentes. Trata-se de uma correlação média entre perguntas. Dado que todos os itens de um questionário utilizam a mesma escala de medição, o coeficiente α é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada avaliador através da seguinte equação:

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left(\frac{1 - \sum S_i^2}{S_t^2} \right)$$

Onde:

k corresponde ao número de itens do questionário;

S_i^2 corresponde a variância de cada item;

S_t^2 corresponde a variância total do questionário, determinada como a soma de todas as variâncias.

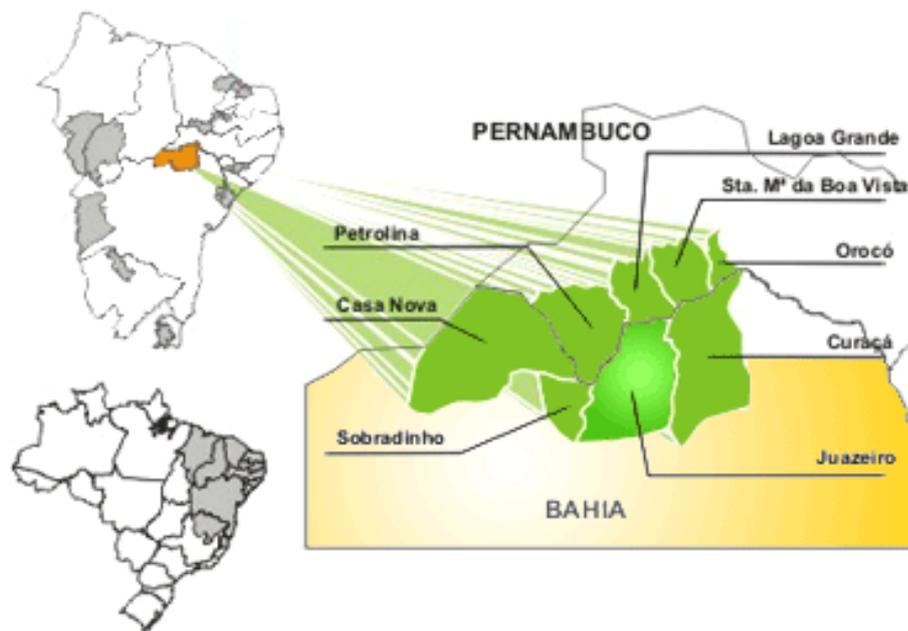


Figura 01. Localização da Região integrada de Desenvolvimento Econômico. Fonte: https://www.achetudoeregiao.com.br/ba/juazeiro/dados_gerais.htm

6.4 Procedimentos de coleta de dados

Para mensuração da sustentabilidade organizacional, adotou-se como base principal as teorias da gestão da sustentabilidade nas organizações de Munck (2013), do Agir Organizacional de Maggi (2006) e Fleury & Fleury (2008) e das competências de Mills et al. (2002).

Para atingir o objetivo da pesquisa, a aplicação do questionário foi realizada em duas etapas:

1. Determinação da estrutura do questionário levando-se em consideração que a mensuração da sustentabilidade de cada dimensão deveria ter parâmetros baseados em níveis de responsabilidade (estratégico, tático e operacional) e de competências organizacionais (central, chave e suporte) que por sua vez, levam à sustentabilidade organizacional plena do ponto de vista econômico. Tais práticas devem ser cultivadas internamente visando sua sustentabilidade, que, quando isso ocorre, levam à empresa a ter uma longevidade almejada.
2. Construção de fatores ou competências que determinam sua complexidade para cada nível de responsabilidade organizacional, levando-se em consideração que as ações dentro de uma organização são movidas de acordo com o grau de responsabilidade e abrangência de sua competência.

Optou-se por utilizar a abordagem de Silva (2013) onde as ações dentro de uma organização são baseadas em três níveis de responsabilidade: alta administração (Estratégica), que desenvolve políticas, estratégicas e estabelece metas para a organização como um todo; média administração (Tática), que planeja, organiza, dirige e controla as atividades com foco nos setores da organização, de acordo com as políticas estabelecidas pela alta administração; e a administração operacional (Operacional), que é diretamente responsável pela produção e a operacionalização do que foi determinado pela alta e média administração. Baseado neste pressuposto foi atribuído questões inerentes a cada atribuição de responsabilidade de cada nível organizacional.

Por meio desta dimensão, foi avaliada a sustentabilidade da organização do ponto de vista econômico/financeiro. Trata-se de uma sustentabilidade que, para muitos autores, é considerada a principal, uma vez que se a organização tendo êxito nestas ações alcançará retorno econômico para a seus sócios, e é considerado que através dela é possível atingir as outras dimensões da sustentabilidade com mais facilidade, além de ser permitido analisar conjuntamente com outros subsistemas e assim, representar da eficácia de dois agires organizacionais: eficiência e efetividade econômica.

Para analisar a dimensão econômica, foram levadas em consideração três competências dentro das empresas, cujos parâmetros analisados em cada uma são: competência central que verifica uma visão mais estratégica da empresa; competência chave, que aborda os critérios táticos da

corporação; e competência suporte que verifica os trâmites operacionais para colocar em prática as competências central e chave.

De posse da definição de cada parâmetro para dimensionar cada competência, foi adotado a escala de pontuação de Munk (2013), onde os valores foram atribuídos por pontos de acordo com as respostas. Dependendo da resposta, foram atribuídas notas variando de 0 (não atende - NA), 5 (atende parcialmente - AP) e 10 (atende totalmente - AT), totalizando uma pontuação máxima de 300 pontos para cada competência.

6.5 Análise de dados

De posse das respostas tabuladas, foram aplicadas as seguintes equações matemáticas, visando estabelecer os índices de competências central, chave e suporte, de acordo com as fórmulas:

$$(1) \quad iCCe = \sum CCe / 100$$

$$(2) \quad iCCh = \sum CCh / 100$$

$$(3) \quad iCSu = \sum CSu / 100$$

$$(4) \quad iSE = \left(\frac{iCCe + iCCh + iCSu}{\sum TC} \right) \cdot 100$$

Onde,

$iCCe$ = Índice de Competências Central

$iCCh$ = Índice de Competências Chave

$iCSu$ = Índice de Competências Suporte

TC = Total das Competências

iSE = Índice de Sustentabilidade Econômica

O resultado de cada dimensão foi confrontado com o nível de sustentabilidade, iniciando com a empresa que está no nível 1 de pré-sustentabilidade até o nível 6 de sustentabilidade holística, conforme Tabela 01.

Tabela 01. Faixas de sustentabilidade organizacional segundo os índices calculados com base em cada competência (central, chave e suporte).

FAIXAS DE SUSTENTABILIDADE	PONTUAÇÃO
1 Pré-sustentabilidade organizacional	0,00 a 0,10
2 Sustentabilidade organizacional em conformidade com a legislação	0,11 a 0,30
3 Sustentabilidade organizacional orientada pelo lucro	0,31 a 0,50
4 Sustentabilidade organizacional consciente	0,51 a 0,70
5 Sustentabilidade organizacional sinérgica	0,71 a 0,90
6 Sustentabilidade organizacional holística	0,91 a 1,00

Fonte: Adaptado do Modelo de van Marrewijk & Werre (2003)

A análise dos dados considerou as técnicas da estatística descritiva e da correlação dos valores de cada índice da amostra ranqueados de acordo com o desempenho agregado das três variáveis individuais para cada empresa e depois, pelo somatório dos índices de cada empresa. O coeficiente de correlação de Pearson foi calculado para todos os indicadores de forma pareada.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No intuito de verificar a sustentabilidade econômica de agronegócio da RIDE Polo Juazeiro Petrolina, 44 das 457 empresas do setor foram avaliadas por este estudo, sendo 35 localizadas em Petrolina, 08 em Juazeiro e 01 em Santa Maria da Boa Vista.

Com os valores obtidos pela análise dessas competências, foi possível observar que, através da escala adaptado de Munk (2013), 50,68% das empresas atenderam parcialmente os pré-requisitos centrais da sustentabilidade econômica. Do restante, 40,45% não atenderam e 8,86% atenderam parcialmente tais pré-requisitos. (Tabela 02, Figura 02).

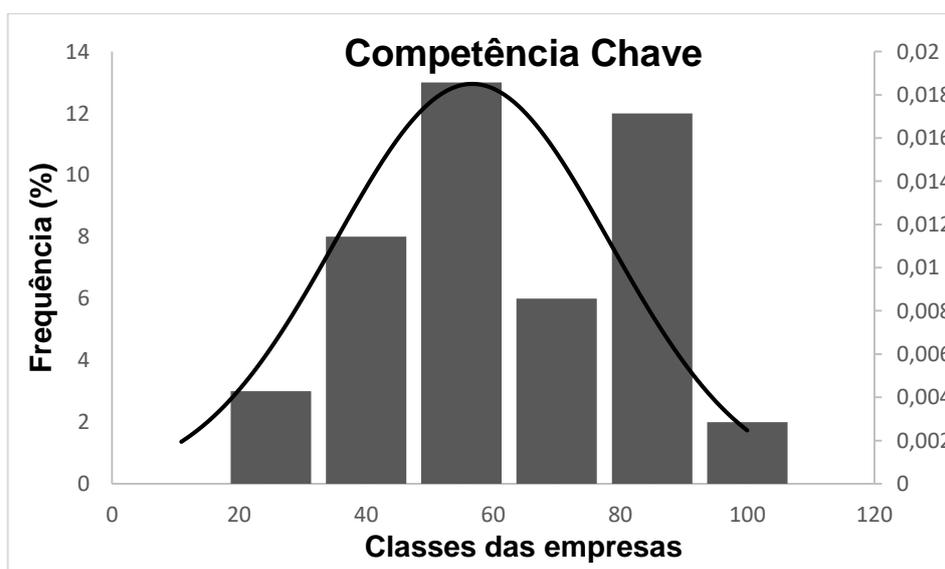
Quanto às competências chave, observou-se que a maioria das empresas considera importante atender os pré-requisitos para a sustentabilidade organizacional no que se refere à tática das necessidades da empresa. Foi verificado que 61,82% das empresas avaliadas neste estudo atenderam, 25,23% não atenderam e 12,95% atenderam parcialmente (Tabela 02, Figura 04). Já para os pré-requisitos suportes da sustentabilidade econômica, 68,18% das empresas estudadas atenderam, 21,59% não atenderam e 10,23% atenderam parcialmente (Tabela 02, Figura 04).

Como observado, de uma maneira geral, a maior parte das empresas estudadas atendeu aos pré-requisitos para a sustentabilidade econômica. As exceções observadas referem-se ao uso de parâmetros que norteiam os investimentos, cálculo da taxa de produto versus funcionário, faturamento por funcionário, presença de indicadores de margens e prazo médio de pagamento do fornecedor menor que o pagamento do cliente. Isso provavelmente é atribuído ao fato de que tais fatores são considerados os mais importantes da área econômica.

Tabela 02. Classificação das empresas de agronegócio da RIDE de acordo com a escala de pontuação adaptado de Munck (2013) para análise das competências central, chave e suporte. AT (atende totalmente), AP (atende parcialmente) e NA (não atende).

Competência Central	AT	NA	AP
Possui objetivo/metlas.	26	14	4
Utiliza parâmetros que norteiam os investimentos	16	21	7
Calcula a taxa de produto X funcionário.	8	35	1
Calcula o faturamento por funcionário	5	36	3
Conhece a rentabilidade do setor	23	12	9
Avalia o patrimônio (ativo e passivo).	23	16	5

Possui liquidez	37	4	3
Executa balancete – demonstrativo mensal.	31	13	0
Conhece a sazonalidade.	32	8	4
Adota critérios de aplicações.	22	19	3
Média	50,68%	40,45%	8,86%
Competência Chave	AT	NA	AP
Possui situação creditícia regular	36	5	3
Possui seguro	21	15	8
Há uma sustentação econômica principal	25	10	9
Possui política de preços e prazos	34	2	8
Possui capital de giro	37	7	0
Possui estatísticas de vendas	34	7	3
Apresenta lucro (indicadores) compatível	26	6	12
Estabelece vida útil para seus produtos.	29	14	1
Possui indicadores de margem de contribuição	11	27	6
Possui indicadores de margem de rentabilidade	19	18	7
Média	61,82%	25,23%	12,95%
Competência suporte	AT	NA	AP
Executa controle de contas a pagar/receber.	39	1	4
Realiza orçamento de investimento e despesas.	26	13	5
Executa orçamento x controle de contas	22	13	9
Executa o fluxo de caixa.	37	6	1
Acompanha preços dos concorrentes no mercado	39	2	3
Utiliza recurso para a formação do custo do produto	27	12	5
Possui planilha de controle de custos	30	8	6
Conhece o giro do estoque por ano.	32	10	2
O prazo médio de pagamento ao fornecedor	17	21	6
Calcula o custo fixo / custo variável	31	9	4
Média	68,18%	21,59%	10,23%



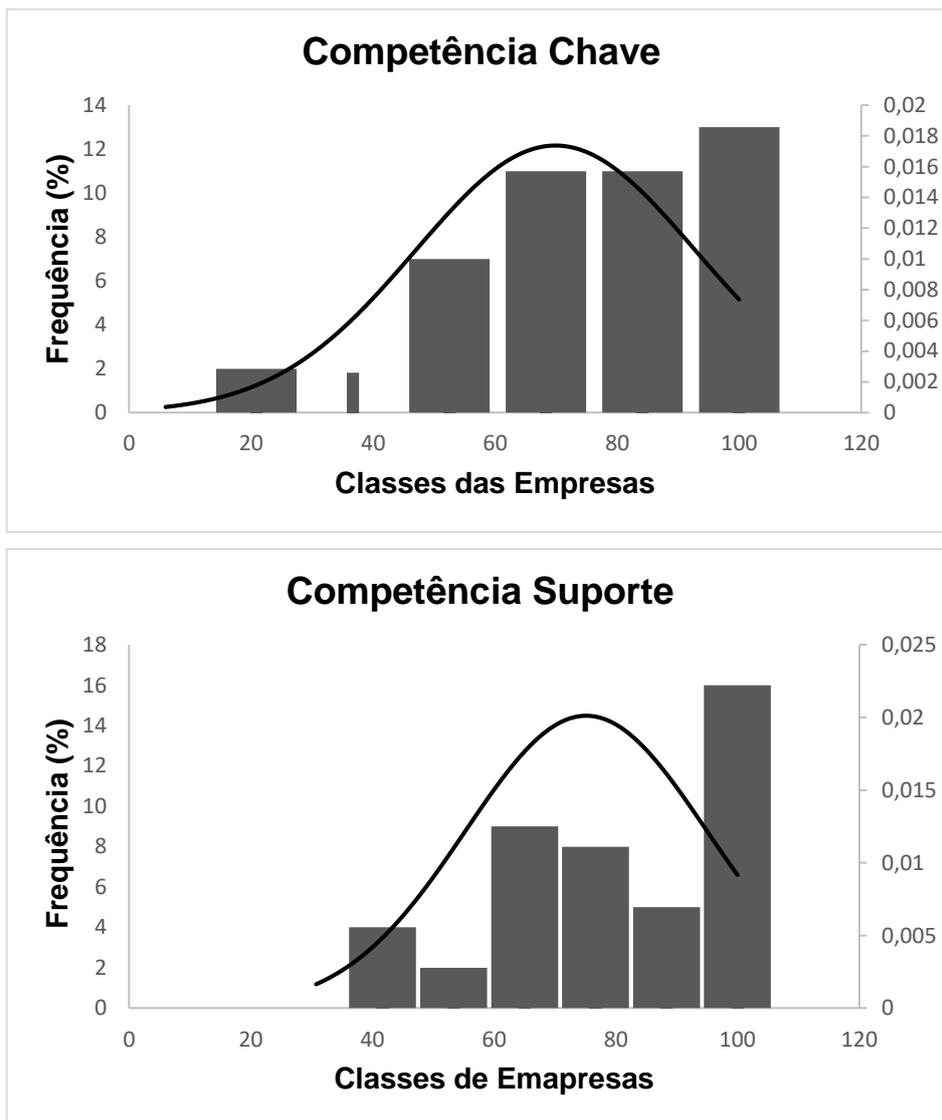


Figura 04. Distribuição de frequência das empresas de agronegócio da RIDE Petrolina/Juazeiro quanto às competências Chave, Central e Suporte.

A partir dos valores de cada competência chave, central e suporte (Tabela 02), foi possível calcular o índice de sustentabilidade econômica das empresas de agronegócio da RIDE e consequentemente, enquadrar cada uma dessas empresas na sua respectiva faixa de sustentabilidade (Tabela 03).

Observou-se que a maior parte das empresas da RIDE ficou nas faixas de sustentabilidade econômica sinérgica e consciente com percentuais de 34% e 36%, respectivamente (Tabela 04). Entretanto, também foi possível observar que algumas empresas avaliadas acreditam que a sustentabilidade organizacional é estimulada por uma relação direta com o desenvolvimento financeiro do negócio, ou seja, apenas promovida se for rentável ou apenas é estimulada por imposições, obrigаторiedades, e por ser admitida como um comportamento correto. Esse comportamento foi constatado num pequeno percentual observado nas faixas em conformidade com

a legislação e orientada pelo lucro, com cerca de 5 e 14% das empresas, respectivamente (Tabela 04).

Foi identificado, num resultado promissor, que algumas empresas estudadas adotaram a sustentabilidade econômica organizacional integrada e embutida em cada um dos aspectos envolvidos aos processos de gestão, objetivando contribuir para a qualidade, manutenção e continuação da vida de todos os seres e instituições, tanto no presente quanto no futuro, numa tentativa de estimular atitudes como alternativas de resposta à crise do meio ambiente. Uma observação bem peculiar foi notar que cerca de 11% das empresas têm uma faixa de sustentabilidade econômica holística e nenhuma empresa apresentou a pré-sustentabilidade (Tabela 04). Existe uma uniformidade dos índices de sustentabilidade econômica das empresas estudadas, havendo pequenas amostras que destoam da maioria (Figura 04). Essa realidade é notada na prática quando se observa no resultado da quantidade de empresas com o nível de sustentabilidade econômica mais elevada.

Tabela 03. Análise dos índices das competências central (ICCe), chave (ICCh) e suporte (ICSu) e do índice de sustentabilidade econômica (ISE) e respectiva faixa de sustentabilidade (FS) das empresas de agronegócio da RIDE de Petrolina e Juazeiro, Brasil.

Empresa	ICCe	ICCh	ICSu	ISE	FS
1	0,45	0,05	0,35	0,28	2
2	0,35	0,5	0,5	0,45	3
3	0,8	0,75	0,95	0,83	5
4	0,6	0,8	0,9	0,76	5
5	0,65	0,75	0,8	0,73	5
6	0,35	0,55	0,7	0,53	4
7	0,45	0,5	0,6	0,51	4
8	0,8	0,75	0,9	0,81	5
9	0,85	0,85	0,95	0,88	5
10	0,2	0,4	0,6	0,4	3
11	0,3	0,45	0,6	0,45	3
12	0,3	0,75	0,75	0,6	4
13	0,35	0,65	0,3	0,43	3
14	0,5	0,7	0,8	0,66	4
15	0,1	0,4	0,6	0,36	3
16	1	1	1	1	6
17	0,55	0,65	0,75	0,65	4
18	0,25	0,5	0,35	0,36	3
19	0,6	0,8	0,9	0,76	5
20	0,8	1	0,9	0,9	5
21	0,7	0,6	0,75	0,68	4
22	0,5	0,6	0,6	0,56	4
23	0,5	0,65	0,75	0,63	4
24	0,3	0,6	0,65	0,51	4

25	0,45	0,75	0,8	0,66	4
26	0,7	1	0,8	0,83	5
27	0,45	0,05	0,35	0,28	2
28	0,45	1	1	0,81	5
29	0,85	0,85	1	0,9	5
30	0,5	0,45	0,7	0,55	4
31	0,35	0,6	0,85	0,6	4
32	0,5	0,9	0,9	0,76	5
33	0,8	1	1	0,93	6
34	0,55	0,65	0,95	0,71	5
35	0,75	0,7	0,7	0,71	5
36	0,75	0,75	0,65	0,71	5
37	0,75	0,65	0,65	0,68	4
38	0,95	0,85	1	0,93	6
39	0,8	1	1	0,93	6
40	0,5	0,6	0,6	0,56	4
41	0,8	1	0,9	0,9	5
42	0,8	1	1	0,93	6
43	0,6	0,9	0,75	0,75	5
44	0,4	0,8	0,5	0,56	4

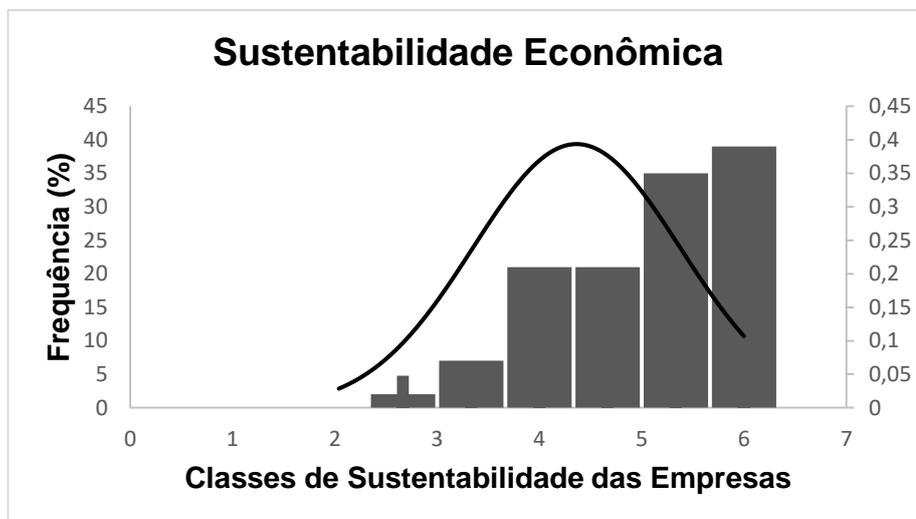


Figura 05. Distribuição de frequência das empresas de agronegócio da RIDE Petrolina/Juazeiro quanto aos índices de sustentabilidade econômica.

Tabela 04. Faixas de sustentabilidade das respectivas empresas que compõem a RIDE de Petrolina e Juazeiro.

FAIXAS DE SUSTENTABILIDADE	Número de empresas	%
Pré-sustentabilidade organizacional	0	0%
Sustentabilidade organizacional em conformidade com a legislação	2	5%
Sustentabilidade organizacional orientada pelo lucro	6	14%
Sustentabilidade organizacional consciente	15	34%
Sustentabilidade organizacional sinérgica	16	36%
Sustentabilidade organizacional holística	5	11%

A Tabela 05 mostra que as ações de competência suporte, nas empresas estudadas apresentam maiores agires, obtendo uma média e mediana de 0,75, que pode ser explicado que são ações sem a amplitude estratégica dentro da empresa e sim operacional. Este fato demonstra a preocupação com uma visão mais operacional da sustentabilidade econômica. A avaliação dessa competência é feita através da saúde financeira da empresa, sendo mensurado a partir da situação creditícia da empresa, seu fluxo de caixa e equilíbrio financeiro refletido em lucratividade e investimentos, assim como sua capacidade de controlar o posicionamento financeiro da empresa (Krajnc & Glavic, 2005).

Tabela 05. Média, mediana e moda dos Índices de competências central (ICce), chave (ICch) e suporte (ICsu) e do índice de sustentabilidade econômica (ISE) das empresas de agronegócio da RIDE de Petrolina e Juazeiro.

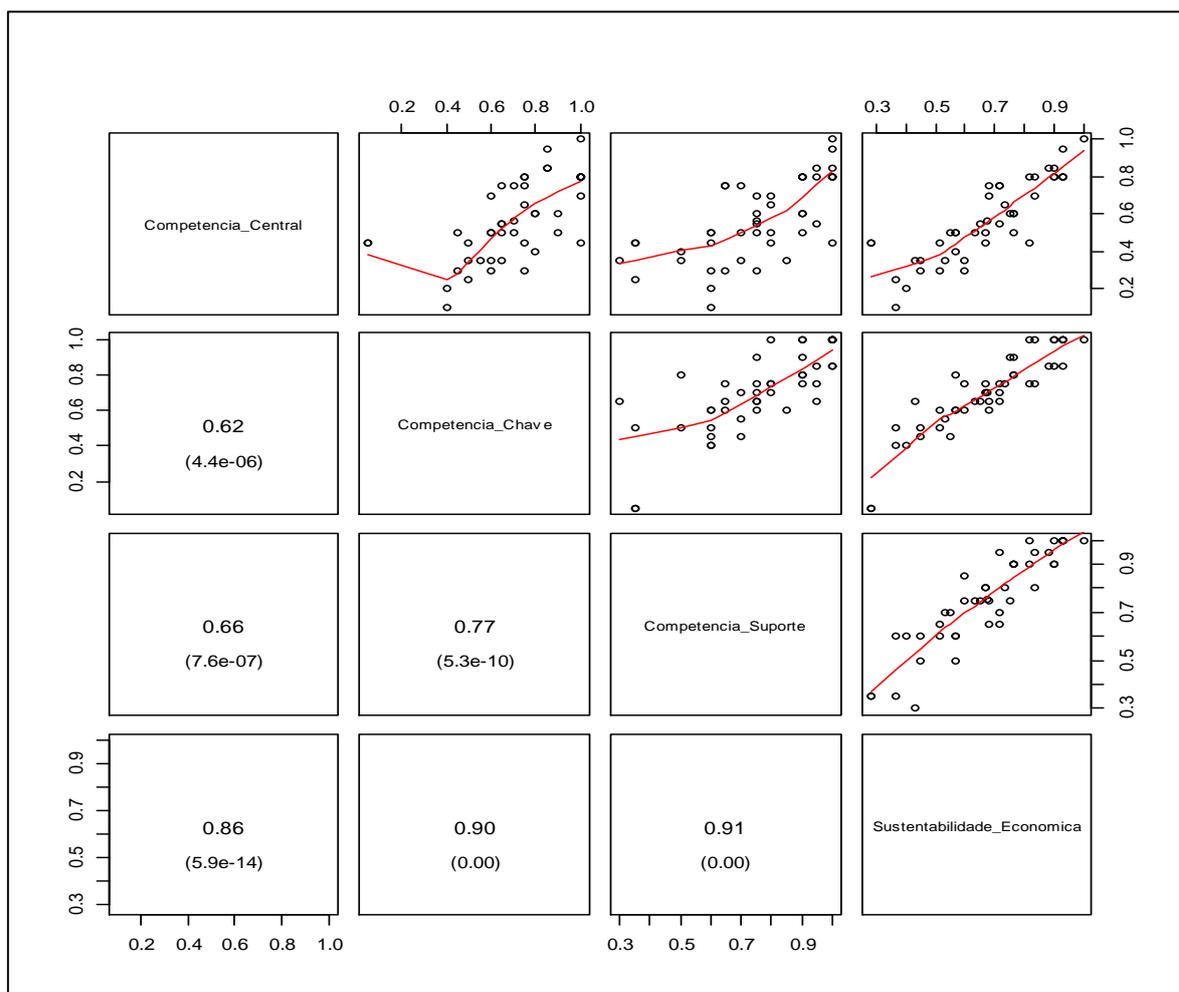
	ICce	ICch	ICsu	ISE
Média	0,570	0,699	0,751	0,672
Mediana	0,525	0,725	0,750	0,683
Moda	0,8	1	1	0,930

Observa-se que todas as competências têm uma correlação muito forte com a sustentabilidade econômica, ou seja, quanto mais ações aplicadas pelas empresas em uma competência, maior a possibilidade de existir uma sustentabilidade econômica forte (Tabela 06, Figura 06).

Tabela 06. Matriz de Person entre os índices da Sustentabilidade econômica (ISE) e os índices das competências central (ICCe), chave (ICCh) e suporte (ICSu).

	ICCe	ICCh	ICCSu	ISE
Competência Central	1	0,62	0,66	0,85**
Competência Chave	0,62	1	0,77	0,90**
Competência Suporte	0,66	0,77	1	0,90**
Sustentabilidade Econômica	0,85**	0,90**	0,90**	1

(**) p-valor < 0,01



O constructo para validação do questionário baseado nas competências organizacionais existentes na organização, sendo Competência Central, Competência chave e competência suporte, mostrou-se satisfatório obteve-se o coeficiente de alfa de Cronbach $\alpha=0,87$, ou seja, os questionários utilizados apresentaram uma grande consistência interna.

8 CONCLUSÃO

A sustentabilidade organizacional é utilizada para se referir à habilidade das organizações de manterem desempenhos positivos nas esferas econômicas, sociais e ambientais no longo prazo. A performance econômica é admitida como crítica para a devida credibilidade e continuidade das organizações, logo, é admitida como central aos processos interessados em atingir uma sustentabilidade organizacional (Munk & Souza, 2009).

Esta pesquisa aborda a hipótese de Dyllick & Hockertss (2002), onde organizações economicamente sustentáveis garantem em qualquer período de tempo, um fluxo de caixa suficiente para assegurar uma liquidez necessária, enquanto que participa de um processo de produção que conflui no alcance de uma taxa de retorno diferenciada a ser oferecida aos acionistas que investem na organização.

Priorizou-se uma abordagem da sustentabilidade econômica sob o ponto de vista a análise de três competências: (I) central, que representa um agir organizacional corporativo essencial para a sobrevivência da empresa e fundamental para a sua estratégia; (II) chave, que representa um pequeno número de agires essenciais, esperados de serem encontrados e desenvolvidos em cada unidade de negócios de uma organização; e (III) suporte, que representa um agir organizacional validado capaz de suportar outros agires fundamentais à arquitetura de competências (Mills et al., 2002).

Por esta lógica das competências é que se propõe uma nova racionalidade de análise entre o desenvolvimento sustentável e as organizações. Entende-se que as competências organizacionais serão aquelas que permitirão a estruturação de um planejamento estratégico orientado para a sustentabilidade por meio do estabelecimento de responsabilidades claramente compreendidas e praticadas pelos stakeholders organizacionais (Munk & Souza, 2009).

Segundo Prahalad & Hamel (1990), uma competência central é um conjunto de habilidades e tecnologias que contribuem desproporcionalmente para o valor percebido pelo cliente, é competitivamente única ou exclusiva (portanto, não facilmente imitável) e tem o potencial de abrir portas para mercados promissores no futuro. Assim, ao observar que, embora a maior parte (50,68%) das empresas estudadas considerem importantes essas habilidades, um percentual acentuado (40,45%) não leva em consideração esses pressupostos para alcançar a sustentabilidade econômica. Não levando em consideração esses aspectos, as empresas não conseguem manter o seu market share, ou seja, explorar e alavancar sua competência central para promover a sobrevivência e o crescimento da empresa, garantindo sua vantagem competitiva. Para as empresas que compõem a RIDE Petrolina/Juazeiro, o uso de parâmetros que norteiam os investimentos, o cálculo da taxa de produto e faturamento por funcionário não são critérios seguidos pelo setor, visto que a maioria das empresas

avaliadas não adota esse mecanismo para alcançar a sustentabilidade econômica (Tabela 03, Figura 02).

Ao longo das últimas décadas está havendo uma mudança no cenário econômico da RIDE – Região integrada de Desenvolvimento Econômico – Polo Juazeiro-BA/Petrolina/PE. Localizado no submédio São Francisco, é composta por 4 municípios no estado da Bahia e 4 municípios no estado de Pernambuco. Sua área total é de 34 mil km² e sua população é de aproximadamente 690 mil habitantes, o que proporciona uma densidade demográfica de 20,3 hab/ km², onde cerca de 42,7% da sua população encontra-se na área rural dos municípios componentes.

Conforme Lopes et al. (2011), por muito tempo, a região do submédio São Francisco, onde se situa o Polo Petrolina-Juazeiro, foi marcada pela pobreza provocada principalmente pela seca. A economia pouco desenvolvida na região fez com que muitos de seus habitantes migrassem a procura de melhores oportunidades para grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Sua principal atividade econômica era o comércio, servindo de entreposto comercial para os estados da Bahia, Pernambuco e Piauí. A Agropecuária, era baseada em atividades de baixa produtividade, sobretudo no cultivo do algodão, na criação de animais domésticos e em plantios de subsistência. A partir de 1970, com a ação governamental de promover a infraestrutura para irrigação, a agricultura começou a ganhar força, tornando-se, na década de 1990, a principal fonte de renda e desenvolvimento da região.

Quanto à competência chave, foi possível notar que, as empresas trabalham com a visão do negócio voltada para o seu funcionamento no que tangem a compreensão dos impactos gerados pelo negócio para, daí sim, gerar insights sobre possíveis ações, ou seja, uma visão antecipatória essencial para a sustentabilidade econômica. Dos fatores chave abordados, apenas os indicadores de margem de contribuição não são executados pela maioria das empresas avaliadas (Tabela 03, Figura 02). Dessa maneira, é possível inferir que a maioria das organizações voltadas ao agronegócio da RIDE Petrolina/Juazeiro não conhece o quanto o lucro da venda de cada produto contribuirá para a empresa cobrir todos os seus custos e despesas fixas, chamados de custo de estrutura, e ainda gerar lucro. Com base nessa observação, presume-se que elas não conseguirão calcular a quantidade mínima de produtos que precisarão vender, ou seja, não conhecem o lucro unitário de cada produto vendido que ajuda a compor o resultado final da empresa. Para Araújo (2016), a gestão de empresas agrícolas é focalizada normalmente nos fatores agrícola e agroindustrial, concentrando técnicas de produção e conceitos operacionais das atividades específicas desenvolvidas. De posse nas observações desse estudo, percebe-se que a contabilidade custo rural é um instrumento administrativo pouco utilizado no agronegócio.

Ainda segundo Araújo (2016), as dificuldades operacionais e estruturais limitam a capacidade de gerar dados sobre os custos. Para que o agronegócio brasileiro seja mais competitivo e rentável,

deve-se direcionar sua administração à necessidade de informações financeiras e operacionais regulares sobre as visões de lucratividade e produtividade, bem como a avaliação de seus processos. A ausência de precisão sobre seus custos compromete a qualidade das decisões tomadas e consequentemente, sua sustentabilidade econômica.

De uma maneira geral, as empresas avaliadas focam na visão operacional das competências, sustentando o valor agregado em termos de preço ou e/ou qualidade percebido pelo cliente, o diferencial organizacional em não permitir o desenvolvimento parcial ou total pela concorrência e o que propicia a expansão da organização que não possa ser imitada, isto depende da aprendizagem contínua com o objetivo de permanecer construindo novos elementos de diferenciação.

Um gestor eficaz e participativo deve conhecer bem os processos operacionais agrícolas e industriais (Araújo, 2016). Para qualquer atividade econômica rentável ela deverá possuir um estilo de gestão compatível com suas características organizacionais para que esta estrutura possa garantir padrões de competitividade dentro da indústria na qual ela atua. A eficiência de uma gestão em qualquer negócio depende, dentre vários fatores, de um suporte capaz de prover informações relevantes para as diversas decisões gerenciais, atualizando o uso sistemático os diversos usuários destas informações. Este processo se dá através de um sistema gerador do perfil real da situação econômica financeira da empresa.

Com essa constatação, é possível afirmar que as empresas de agronegócio da RIDE Petrolina/Juazeiro buscam por soluções funcionais, cuja performance é evidenciada por diferentes índices de desempenhos organizacionais, os quais são conquistados por uma abordagem de ganho mútuo participada por todos os stakeholders mais relevantes da cadeia de relacionamento da organização. Além disso, essas empresas buscam a sustentabilidade organizacional em cada um dos aspectos envolvidos aos processos de gestão, por isso objetiva contribuir para a qualidade, manutenção e continuação da vida de todos os seres e instituições, tanto no presente quanto no futuro (Marrewijk e Werre, 2003).

O fato de algumas empresas se enquadrarem nas faixas de conformidade com a legislação e orientada pelo lucro, constata-se o fato de que muitas técnicas gerenciais são vistas como complexa em sua exceção e que apresenta um baixo retorno prático para as empresas do ramo. Segundo Araújo (2016), é possível constatar que, em quase sua totalidade, a aplicação da contabilidade de custos em empresas rurais é quase sempre conhecida por suas finalidades fiscais, não possuindo grande interesse por uma aplicação gerencial.

Com a crescente legitimação da sustentabilidade e a possibilidade de contestação social decorrentes de pressões ambientais, as organizações passaram a aderir a regras padronizadas e

reconhecidas, com o objetivo de coordenar e fortalecer suas ações e posição no mercado. Pode-se interpretar essa adesão como institucionalização de práticas sustentáveis. (Wolffenbüttel, 2015).

A tendência é que as empresas adotem as práticas sustentáveis em suas atividades operacionais de forma a torná-las legítimas em suas organizações, tornando-as, assim, institucionalizadas em suas atividades operacionais, seja por iniciativas próprias ou decorrentes de pressões exercidas pela sociedade e parceiros comerciais (Figura 03).

Fatores analisados nesta pesquisa, referentes aos rendimentos financeiros das empresas, como fluxo de caixa, valor das ações, lucros, lucratividade, índice de endividamento e liquidez, demonstram de uma maneira geral, que as empresas caminham para uma sustentabilidade holística. Outro aspecto observado foi que, de uma maneira geral, as organizações ligadas ao agronegócio da RIDE se preocupam com a previsão financeira de longo prazo, ou seja, planejamento estratégico para proteger, manter ou melhorar a sua competitividade.

A dimensão econômica da sustentabilidade é considerada um pilar de extrema importância na qual é refletida todas as ações tomadas pela empresa. Este fato pode determinar o sucesso ou fracasso da organização tanto no aspecto final quanto no início das ações através de um planejamento visando estratégias para sua longevidade. Portanto, apesar das dificuldades ligadas diretamente ao segmento do agronegócio, além das barreiras intrínsecas da região do semiárido nordestino, observa-se que os agires organizacionais têm gerado uma sustentabilidade consciente (Tabela 06), demonstrando reflexos positivos da gestão das empresas na RIDE Petrolina/Juazeiro.

Segundo Souza (2010), existe um alinhamento entre os conceitos de competências e desenvolvimento sustentável. O autor afirma que, enquanto a competência oferece a capacidade de gerir a sustentabilidade organizacional e o desenvolvimento sustentável, esse alinhamento faz a ponte entre os conhecimentos organizacionais sobre competências até as preocupações econômicas, sociais e ambientais nas organizações.

Avaliar a sustentabilidade da empresa pode ser o diferencial no mercado, pois a sustentabilidade tem o objetivo de mostrar a qualidade da gestão e suas consequências futuras em um mercado cada vez mais competitivo. Contudo, as metodologias existentes e disponíveis atualmente exigem uma abordagem muito complexa, impossível para organizações de médio e pequeno porte, uma vez que demandam muitas análises, tempo e um custo elevado, que essas empresas não têm. A metodologia aplicada poderá ajudar as organizações a entender inicialmente que todos os aspectos devem ser identificados e avaliados periodicamente, criando indicadores dos agires, ou seja, do comportamento organizacional, voltado para uma melhor sustentabilidade que consequentemente indica uma melhor gestão que leva à longevidade da organização.

Esta pesquisa expõe uma aplicação de gestão econômica simplificada para as empresas do agronegócio analisando os pontos necessários nas competências nos três níveis (estratégico, tático e operacional), permitindo o acompanhamento e da qualidade da sua gestão com o objetivo de criar indicadores de sustentabilidade em uma área vital para qualquer empresa que é o econômico e como encontrar uma sustentabilidade econômica holística e suas consequências. Os resultados levantados por esta pesquisa mostram que ainda existe uma longa estrada a percorrer para atingir o objetivo da sustentabilidade para uma empresa se tornar holisticamente sustentável, evidenciando que neste segmento, apesar de ter crescido, ainda é necessário um maior e melhor profissionalização na gestão.

Agradecimentos: Os autores agradecem às empresas de agronegócio da RIDE Petrolina/Juazeiro que cederam os dados para essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Almeida, F. (2002). O bom negócio da sustentabilidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Araújo, C. (2016). Custos: um desafio para a gestão no agronegócio. Mackenzie Agrobusiness.
- Acelrad, H. (1999). Discursos da sustentabilidade urbana. Revista de Estudos Urbanos e Regionais - ANPUR, 1(1), 79-90.
- Barbieri, J. C. Cajazeira, J. E. R. (2009). Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática. São Paulo: Atlas.
- Braga, M. (2011). Tempo de Agir. São Paulo: Revista HSM Management. Edição Especial Sustentabilidade. Julho.
- Brasil. (2017). IBGE. Censo agropecuário. Disponível em <<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/resultados-censo-agro-2017.html>>
- Brasil. (2013). Ministério Da Integração. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento Regional. Disponível em <http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e7f5d3d8-e874-4968-8dda-10b04e07026&groupId=63635>. Acesso em: 20 outubro 2017.
- Brown, Darrell; Dillard, Jesse Dillard; Marshall, R. Scott. (2006). Triple bottom line: a business metaphor for a social construct. Universitat Autònoma de Barcelona. Departament d'Economia de l'Empresa.
- Claro, Priscila B.O; Claro, Danny P. (2008). Entendendo o conceito de sustentabilidade nas empresas, Revista Adm. São Paulo, dez.

- Costa, M. A. Agostinho, F. (2018). Avaliação da Sustentabilidade do Avanço do Agronegócio no Cerrado Brasileiro. 7th International Workshop. Advances in Cleaner Production – Academic Work. Barranquilla – Colombia – June 21st and 22nd.
- Dutra, J. S. (2008). Competências: Conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. São Paulo: Atlas.
- Dyllick, T.; Hockerts, K. (2002). Beyond the business case for corporate sustainability. *Business Strategy and the Environment*, v. 11, p. 130-141.
- Elkington, J. (1999). *Cannibals with Forks - The Tipple Bottom Line of 21st Century Business*. Capstone.
- Elkington, J. (2004). Enter the triple bottom line. In A. Henriques and J. Richardson (Eds.) *The Triple Bottom Line, Does It All Add Up? Assessing the Sustainability of Business and CSR*, London: Earthscan Publications Ltd.
- Fleury, Afonso. Fleury, Maria Tereza Leme. (2008). Competência e Aprendizagem Organizacional. In: *Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria Brasileira*. – São Paulo: Atlas.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa (3a Ed., J. E. Costa, Trad.)*. São Paulo: Artmed.
- Gliem, Joseph A. Gliem, Rosemary R (2003). Cronbach's Calculating, Interpreting, and Reporting Cronbach's Alpha ... Midwest Research to Practice Conference in Adult, Continuing, and Community Education
- Heller, Barbara, Costa, Fátima. (2013). Sustentabilidade E Desenvolvimento Sustentável Nas Entrelinhas Do Agronegócio: *Globo Rural Especial*. Líbero – São Paulo – V. 16, N. 32, P. 81-90, Jul./Dez.
- IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. (2006). *Censo Agropecuário Juazeiro/BA e Petrolina/PE*.
- Javidan, M. (1998). Core Competence: What Does It Mean In Practice? *Longe Range Planning*, Vol. 31, N.1, P.60-71.
- Krajnc, D.; Glavic, P. (2005). A Model For Integrated Assessment Of Sustainable Development. *Resources, Conservation And Recycling*, V. 43, N. 2.
- Krogh, G.; Roos, J. (1995). A Perspective on knowledge, competence and strategy. *Personnel Review*, v. 24, n. 3, p. 56-76.

- Labuschagne, C., Brent, A. C., & Van Erck, R. P. G. (2005). Assessing The Sustainability Performances Of Industries. *Journal Of Cleaner Production*, 13(4), 373-385. [Http://Dx.Doi.Org/10.1016/J.Jclepro](http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro).
- Landim, M. Macedo; Alencar, M. Tereza. (2012). O Agronegócio E A Produção No Espaço Geográfico No Semiárido: Petrolina (Pe), Na Ambiência Da Ambivalência Rural/Urbano. Dissertação (Mestrado Em Administração) – Programa De Pós-Graduação Em Administração Ufpi Universidade Federal Do Piauí.
- Lopes, Frederico Fonseca; Castro, Luciano Thomé; Neves, Marcos Fava; Caldeira, Mariana Aluísio. (2011). O Vale do São Francisco: Lições para o Planejamento Estratégico de uma região. In: *Agronegócios e Desenvolvimento Sustentável: uma agenda para a Liderança Mundial na Produção de Alimentos e Bioenergia*. 1 Ed. São Paulo, Atlas.
- Mcclelland, David C. (1973). Testing For Competence Rather Than Intelligence. *American Psychologist*, P. 1-14, Jan.
- Martens, M. L., Brones, F., & Carvalho, M. M. (2013). Lacunas e Tendências na Literatura de Sustentabilidade no Gerenciamento de Projetos: uma revisão sistemática mesclando Bibliometria e Análise de Conteúdo. *Revista de Gestão e Projetos*.
- Maggi, B. (2006). *Formação E Competências Para A Mudança Organizacional*. São Paulo: Edgardblücher.
- Mills, J.; Platts, K.; Bourne, M. Richards, H. (2002). *Competing Through Competences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Munck, Luciano. (2013). *Gestão da Sustentabilidade nas Organizações: um novo agir frente a Lógica das Competências*. São Paulo: Cengage Learning.
- Munck Luciano, Souza Rafael Borim de. (2009). *Responsabilidade Social Empresarial e Sustentabilidade Organizacional: a Hierarquização de caminhos estratégicos para o Desenvolvimento Sustentável*. Rebrae. *Revista Brasileira De Estratégia*, Curitiba, V. 2, N. 2, P. 185-202, Maio/Ago.
- Oliveira, João Hélvio Righi de. (2002). *M.A.I.S: Método para Avaliação de Indicadores de Sustentabilidade Organizacional*. Tese (Doutorado Em Engenharia De Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis: UFSC. 217 P.
- Prahalad, C. K.; Hamel, G. (1990). The Core Competence Of The Corporation. *Harvard Business Review*, P. 3- 15, May/June.

- Ruas, R., Guedine, T., Dutra, J. S., Becker, G. V., & Dias, G. B. (2005). O Conceito de Competência De A a Z: Análise e Revisão das principais publicações nacionais entre 2000 e 2004. In: Anais do 29º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Enanpad. Brasília: Anpad.
- Santos, C. A. D. (2010). Pequenos Negócios e Desenvolvimento Sustentável no Brasil. In: (Organizador), C. A. D. S. Pequenos Negócios: Desafios e Perspectivas: Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Sebrae.
- Savitz, A. W. (2006). The Triple Bottom Line: How Today's Best-Run Companies are Achieving Economic, Social and Environmental Success - And How You Can Too. San Francisco: Editora John Willey & Sons.
- Silva, A. Cericatto, Lima E. P. Carvalho, Batista, H. Rogê. (2011). A Importância da Soja para o Agronegócio Brasileiro: uma análise sob o enfoque da Produção, Emprego e Exportação. APEC - Associação dos Pesquisadores em Economia.
- Souza, R. B. de. (2010). O Alinhamento entre Sustentabilidade e Competências em Contexto Organizacional. Dissertação (Mestrado em Administração). Londrina: Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá (UEM) / Universidade Estadual de Londrina (UEL).
- Steurer, R. et al. (2005). Corporations, Stakeholders and Sustainable Development I: a Theoretical Exploration of Business Society Relations. Journal Of Business Ethics - 61: 263-281.
- Taliarine, A. B. Ramos, D. J. Favoretto, J. R. (2015). A Importância Da Gestão Do Agronegócio Brasileiro. Revista Perspectiva, Gestão e Tecnologia, N.8.
- Van Marrewijk, M.; Werre, M. (2003). Multiple Levels Of Corporate Sustainability. Journal Of Business Ethics, New York, V. 44, P. 107-119.
- Wolffenbüttel, R. Floresta. (2015). Sustentabilidade E Ação Socioeconômica. A Rede Produtiva Do Plástico Verde. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.